

## **A TESSITURA DOS RELATOS DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Clarita Gonçalves de Camargo<sup>1</sup>

**RESUMO:** A presente pesquisa busca trazer relatos de autobiografias como instrumento de pesquisa na tentativa de dialogar e compreender a trajetória do professor, desde seu processo de formação, até sua atuação reflexiva como docente. Desta maneira, acredita-se na contribuição dessas narrativas como instrumento de análise para interpretar as realidades vivenciadas na escola. O material documental, que as autobiografias representam, funciona como uma maneira de fornecer uma visão mais aproximada do contexto geral ao objeto estudado, e das especificidades que a carreira como docente exerce. Autores como (GARCIA, 2003; LIBERAL, 2003; NÓVOA, 1992) tem mostrado que esses relatos ou biografias são maneiras de resgatar do professor suas reais iniciativas, intenções, preocupações, anseios, entre outras coisas, que pairam sobre a luz de sua atuação, e que podem oferecer um olhar mais realístico do que acontece dentro dos meios de ensino. Em suma, pela ótica desses relatos, pode-se conseguir interpretar de forma mais minuciosa a trajetória que o professor, aluno e a própria escola acaba vivenciando.

**PALAVRA CHAVE:** Autobiografia , Língua Inglesa, Ensino.

**ABSTRACT:** This research seeks to bring reports of autobiographies as a research tool in an attempt to discuss and understand the trajectory of the teacher, since its formation process, until his performance as reflective teaching. Thus, we believe the contribution of these narratives as an analytical tool to interpret the realities experienced in school. The documentary material, which represent the autobiographies, works as a way to provide a more general context to approximate the object studied, and the specifics that career as a teacher has. Authors like (Garcia, 2003; LIBERAL, 2003; NÓVOA, 1992) has shown that these accounts or biographies are ways to redeem their real teacher initiatives, intentions, concerns, anxieties, inter alia, that hover over the light of its performance , and may offer a more realistic look of what happens within the means of education. In short, from the perspective of these reports, you can get more detailed interpret the trajectory that the teacher, student and the school itself ends up experiencing

**KEY WORDS:** Autobiography, English Language, Education.

### **1 INTRODUÇÃO**

A narrativa autobiográfica, dentro do contexto da educação, oportuniza repensar práticas de ensino, com propósitos de oferecer melhores esclarecimentos sobre a atuação do professor em sala de aula. O ato de relatar acontecimentos vivenciados na escola promove um resgate de autoconsciência que ao longo do percurso profissional tornam as

---

<sup>1</sup> Mestre pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. E-mail: [clarita\\_camargo@yahoo.com.br](mailto:clarita_camargo@yahoo.com.br).

experiências mais intrigantes. O narrador que relata suas próprias experiências tem a oportunidade de oferecer ao leitor uma visão mais próxima com a própria realidade, conseqüentemente, esses relatos podem ajudar no entendimento de como vem se configurando o ambiente da escola. Assim, esta investigação procura entender como foi constituída a bagagem profissional que hoje é parte da consciência formadora do professor, cujo objetivo é entender o contexto da sua profissão. Todavia, esse estudo procura resgatar uma reflexão crítica a respeito de um informante, professor, desde seu processo de formação até sua atuação como docente.

O estudo autobiográfico é importante nesse campo do conhecimento, pois são através das experiências relatadas, que se torna possível entender como está se configurando o ambiente de estudo dentro das escolas, e qual é a visão desse profissional como mediador das atuais mudanças que vem ocorrendo dentro da educação básica. A reflexão crítica que tanto se propaga na formação do indivíduo, deve ser ponto de partida para refazer o contexto do profissional.

Quando hoje, tomando distância de momentos por mim vividos ontem, os rememoro, deve ser, tanto quanto possível, em descrevendo a trama fiel ao que ocorreu, mas, de outro lado, fiel ao momento em que reconheço e descrevo, aos momentos antes vividos (FREIRE, 2003, p.19).

Com base no pensamento da citação acima, pode-se dizer que o deslocamento do olhar para a individualidade de fatos é também uma tentativa de abranger com mais particularidades situações do dia a dia. Isto é, a educação pode percorrer uma série de ambientes heterogêneos, mas muitas das coisas que acontecem, podem ser semelhantes.

Certamente, a partir do início da década de 80, os relatos autobiográficos tornaram-se mais presentes para pesquisa na educação, com intuito de resgatar do docente, suas valiosas contribuições a respeito de suas práticas e reflexões. Desta forma, começava-se a usar as próprias experiências para tentar entender o ambiente da escola, ou seja, colocar o professor como fonte de investigação. Nesse sentido, elaboram-se os seguintes questionamentos: Como o professor percebe sua própria prática de ensino? Qual é seu posicionamento a respeito da sua atuação profissional? No que o relato do professor pode contribuir para entender a realidade da escola? Esses entre outros questionamentos permearam este trabalho.

## **1.1 AUTOBIOGRAFIA E FORMAÇÃO DOCENTE.**

Os relatos autobiográficos são necessários para retomar uma experiência que pode impactar nas decisões que atualmente são tomadas nas escolas. Assim, muitos discursos na educação podem carregar certa corrente capitalista e idealizadora de valores que não se propagam no contexto da prática escolar. A iniciativa aqui é perceber certas reflexões sobre o discurso narrativo, à luz da voz da própria fala do professor, que vem a ser uma ferramenta importante para se pensar em compreender os moldes educativos que pairam sobre a figura do professor em exercício de sua profissão. Vejamos o relato de um professor em seu processo de formação,

Ainda me lembro dos diálogos tão presentes dentro das reflexões filosóficas, positivistas e das concepções interacionistas apresentados dentro da universidade [...], defrontou-se ainda nos primeiros estágios como docente, nas difíceis realidades encontradas na escola. É nesse sentido, que não estávamos preparados a enfrentar situações tão complicadas onde a escola parecia ter perdido seu espaço na vida daqueles estudantes. Ainda sim, foi possível presenciar a falta de coragem daqueles professores que direcionavam as práticas com seus alunos como se estivessem dirigindo no escuro. A meu ver, toda bagagem intelectual que eu trazia da Universidade não dava conta de entender e nem de compreender as realidades que eles enfrentavam [...] (C. G. C. 2011)

Na memória relatada pode-se perceber que há uma forte presença de um sentimento calcado em valores sociais e procedimentos pedagógicos infiltrados ao contexto daquele ensino. É possível ainda sentir pela voz do narrador, certo descontentamento a respeito do ambiente escolar, que vem também pactuada de outras pessoas no discurso, pois se compreende que implicitamente há na figura do narrador outras pessoas inclusas. Nesse sentido, Bakhtin pode esclarecer como isso ocorre diante de uma narrativa.

[...] tudo que é dito, tudo que é expresso por um falante, por um enunciador, não pertence a só ele. Em todo discurso são percebidas vozes, às vezes infinitivamente distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis, assim como as vozes próximas que ecoam simultaneamente no momento da fala. (Barros 1994 apud Bakhtin p. 14)

De acordo com as considerações Bakhtinianas, a autobiografia pode trazer implicitamente a fala de um sujeito interagido entre interlocutores que se esconderam na dialogicidade em que a fala está se construindo. E, é assim que se formam as relações dialógicas em que um constitui a fala do outro. Por isso, os relatos sobre o processo de formação vêm a ser uma ferramenta importante, para ver como vem se constituindo o espaço das escolas, e ao mesmo tempo, reconhecer certas nuances que propaga no ambiente pedagógico.

Santos (2003) reporta que as reflexões e experiências individuais ou coletivas servem como contribuição para a construção social de outros grupos que vivenciaram ou estão vivenciando realidades parecidas, e essa troca de experiências pode apresentar um ganho significativo quando se quer interpretar as realidades das escolas. Desta forma, a formação reflexiva de professores<sup>2</sup>, tem o papel importante no discurso educacional, pois são histórias amadurecidas de entendimentos que servem como contribuição para novas práticas e posturas em sala de aula. Por sua vez, “a autobiografia é a forma mais elevada e mais instrutiva em que nos defrontamos com a compreensão da vida.<sup>3</sup>” onde “as condições objetivas de trabalho limitam a prática docente e impedem o professor de realizar as ações por ele idealizadas, causando-lhe grande mal-estar e insatisfação (consigo mesmo e com sua própria atuação)”. (IANUSKIEWTZ, 2009)

A integração do ambiente sociocultural vistas pelas narrativas pode conceber uma forma mais responsável em perceber a prática<sup>4</sup>. Assim os relatos são a possibilidades de compreender os fenômenos sociais que pairavam sobre um determinado contexto de ensino, podendo desta forma, resgatar informações valiosas, que ficaram perdidas ao longo do tempo, mas que voltam agora reinterpretadas ganhando novo sentido.

Os saberes, as práticas, as palavras, as ferramentas adquirem significados diversos em cada tempo. Devemos estar atentos (as), como profissionais das aprendizagens, aos processos por que passam os educadores na compreensão dos significados que têm esses saberes, palavras, ferramentas da cultura com que vão se deparando no seu percurso humano e escolar. (ARROYO, 2009, p. 220)

---

2 ZEICHNER, K.M. (1993) “A Formação Reflexiva de Professores”, fornece informações sobre as narrativas autobiográficas como ferramenta de entender o contexto do ensino nas escolas.

3 DILTHEY apud THOMPSON (1995) busca conceituar sobre a importância do ato discursivo sendo analisado em outro contexto da história como auto reflexão.

4 GOODSON, IVOR. F.(2000) “Dar a voz ao professor” mostra a importância do ato reflexivo dos professores que assumem maior autonomia diante de suas práticas de ensino a partir de sua postura mais observadora de ensinar.

Nessa perspectiva, podemos perceber que a autobiografia coloca o sujeito explicitando o caráter dinâmico da subjetividade no âmbito do seu pensamento, manifestando uma síntese de uma história social<sup>5</sup>. Sendo assim, a ponte autobiográfica na formação de professores é um campo de investigação prolífico para conhecer o desenvolvimento pessoal e profissional do educador, numa perspectiva dialética ao entendimento da interação do professor com seu meio, possibilitando a partir de fragmentos a constituição totalizadora do sujeito incorporado com seu ambiente. Então, pode-se verificar que os processos de aprendizagem são temporais, sociais, históricos<sup>6</sup>, em que pessoas ao mesmo tempo em que formam também são formadas.

## 1.2 LÍNGUA INGLESA E ENSINO

O ensino de língua estrangeira ainda enfrenta dificuldade para correlacionar a cultura da língua alvo com aquela a qual o aluno está presente. Muitas correntes pedagógicas não dão conta da prática docente, e o ensino estruturalista ainda acaba sendo o mais seguro e oportuno, porém o risco que muitos professores enfrenta é a culpa oriunda da sua própria consciência.

Estamos motivados, confiantes porque planejamos uma forma de fazer com que os alunos percebessem o “present perfect” que a professora colocou como objetivo da nossa avaliação. Eles entenderam, usaram, e nós estávamos satisfeitos com nossa nota avaliativa. Foi muito bom...<sup>7</sup>

Planejar a aula de estágio foi uma perfeita receita, quase infalível, se não fosse às reações adversas da nossa consciência, que muito posteriormente nos advertia “ensinamos alguma coisa, menos língua estrangeira”<sup>8</sup>.

---

5 BUENO, B. Oliveira (2002). Histórias de vida e Autobiografias na Formação de Professores e Profissão Docente, conta histórias de professores que através de suas posturas reflexivas puderam melhorar suas práticas de ensino. O diálogo entre suas experiências resulta um melhor entendimento sobre a realidade atual.

6 ARROYO, p. 222

7 Citação retirada do relatório de estágio realizado em novembro de 2006 no colégio Sebastião Baldo em Colombo-Paraná.

8 Citação retirada da monografia realizada para conclusão do estágio de ensino superior em Letras Português Inglês no ano de 2007.

É possível perceber nas duas citações, o amadurecimento do aluno-professor, em relação ao seu procedimento de ensino. No primeiro, a preocupação foi em fazer com que os alunos entendessem o conteúdo proposto. Logo, na outra citação, já em fase de conclusão do curso de graduação, aparece um descontentamento referente à sua postura profissional que já não perfazia nas próprias crenças e opiniões. Decorrente disso, não se pode mais pensar no funcionamento do uso da linguagem indo ao encontro do sistema ensinável e aprendível sob o rótulo de gramática<sup>9</sup>, entretanto, ainda paira as inquietações do professor.

Desde a graduação ainda é um desafio ministrar aulas que consigam desprender totalmente das formas gramaticais e introduzir temas que despertem a curiosidade dos alunos em um ambiente comunicativo. Acho interessantes os documentos dos PCNS, só não estou sabendo como aplicá-los, em contexto tão heterogêneo, com alunos tão complicados. Talvez seja porque é meu primeiro ano como docente. (C.G.C. 2008 grifos nossos)

É possível perceber na fala do professor sua aflição, que reconhece os novos direcionamentos percorridos pelo ensino, mas que pelo seu depoimento, ainda é um desafio trabalhá-los. Volta-se a indagar que essa aproximação que aqui se pode fazer, em dividir experiências de forma tão realista, só é possível porque se tem esse documento tão importante: o depoimento do professor.

Estou em uma segunda série do ensino médio e hoje eles me perguntaram: “-Eu não consigo entender.” “-Dá para a senhora passar os conteúdos no quadro.” “ -Eu não quero falar inglês na aula, só passo vergonha” “ -É muita bagunça.” Eles disseram que nos anos anteriores aprenderam gramática, agora, não aprendem nada. (C.G.C)

A problemática que se pode levantar neste documento é originada pelas falas dos alunos sobre a falta de engajamento nas propostas trazidas pela professora, já que destoa da visão mecanicista exigida pelos alunos. Desta maneira, mesmo que os professores reconheçam a importância de um ensino mais comunicativo, ainda não conseguem entender o que move o aluno a deixar as amarras do conceito tradicionalista. Todavia, desprender dessas algemas que vem segurando o progresso do ensino de línguas, não acontece de maneira rápida, conseqüentemente, muitos docentes ainda

---

9 CELANI (2010, p. 131) na obra: *Concepções de Linguagem de Professores de Inglês e suas Práticas em Sala de Aula*, traz reflexões de professores a respeito de suas práticas de ensino.

sofrem com o trabalho docente. Particularmente, essa discussão só foi possível, porque estamos diante de relatos verídicos que são instrumentos trazidos de realidades que influenciam a prática do professor. E, toda bagagem cultural, social que agem implicitamente nas nossas escolas são também ferramentas para entendermos o contexto e a direção que o ensino vem ganhando. Em relação à língua como meio de comunicação no contexto da sala de aula, temos uma situação social muito peculiar, inclusive quanto à natureza da comunicação que acontece dentro das quatro paredes [...] (CELANI, p.131, 2010).

A oportunidade que o ensino de línguas estrangeiras oferece em trabalhar com as relações culturais locais e globais é muito importante quando se quer romper com os paradigmas do ensino de línguas apenas pelo viés das habilidades linguísticas. Então, é possível rever com os alunos que aprender uma língua é também aprender sobre suas relações que essa língua exerce sobre nós, e que as competências linguísticas acontecem naturalmente quando usamos a língua de forma significativa, não pelo ensino da gramática, mas vejamos como isso se configura na prática.

Hoje ensinei um pouco sobre as curiosidades da cidade de Los Angeles, seus espaços culturais, seus atrativos, seus costumes, comidas e sua geografia. Havia interesse, mas ainda pairava no ar certa desconfiança de que estávamos aprendendo outra coisa, menos língua. Então, ao final solicitei uma pequena tradução<sup>10</sup>.

Poderíamos rever aqui, implicitamente a insegurança da professora em relação a sua proposta. Ainda é possível verificar certa complexidade nos seus objetivos de ensino e no reconhecimento de que os temas culturais, políticos, geográficos e sociais são recursos para usar a língua de forma contextualizada. Evidentemente, que isso é um processo que exige flexibilidade. “[...] ao promover uma apreciação dos costumes e valores de outras culturas, contribui para desenvolver a percepção da própria cultura por meio da compreensão da(s) cultura(s) estrangeira(s).” (BRASIL, 1998, p. 37). A possibilidade de construir conhecimentos a partir das correntes culturais é um gatilho para introduzir os aspectos linguísticos sem precisar ensinar conceitos que pouco significa na

---

10 Essa citação se refere da professora C.G.C. que atuava no mesmo segundo ano de ensino médio, conforme já mencionado.

prática, mas que voltamos a indagar a importância da voz do professor, quando esses conceitos são complexos diante da realidade.

O documentário sobre a cidade de Boston despertou um olhar crítico quando comparados com suas realidades, mas isso só contribuiu para saber o que eles já sabiam. Lá era tudo organizado, limpo, bonito, onde no documentário as pessoas se mostravam felizes. Aqui, na nossa escola a situação era outra, violência, pobreza e ainda falta o asfalto na frente de nossa escola. Sem querer, eu também partilhei de um pouco de indignação, e minha aula se configurou em uma discussão sociológica em língua materna, a língua estrangeira ficou esquecida diante daquele espaço 11.

Mostrar as diferenças sociais, culturais e econômicas de outras nacionalidades, mesmo que a discussão seja em língua materna, não vai desprender da iniciativa de que está se configurando o ensino de línguas, mesmo que não se esteja dando ênfase ao aprendizado lingüístico, mas os conhecimentos de mundo pode ser o caminho para aproximar comunidades e com isso, ganhos significativos muito mais interessantes. Entretanto, pelo relato da professora, há ainda uma resistência em desprender do ensino de língua pela visão mais tradicionalista, em que o sistema linguístico da língua alvo precisa sempre estar presente, e isso pode ser o problema enfrentado por muitos professores ainda nos dias atuais.

Assim, uma prática crítica no ensino do inglês deve começar criticamente explorando as culturas dos alunos, conhecimentos e histórias de maneira desafiadora e ao mesmo tempo positiva e animadora. (PENNYCOOK, 1994 apud COX, PETERSON, 2001)

Vejamos outras reflexões da professora a respeito de suas novas concepções sobre o seu trabalho como docente. Entende-se que o professor está em constante nível assimilação a novos entendimentos sobre suas esferas educativas, mas que nem sempre são discutidas ou dialogadas em um campo mais abrangente entre docentes.

Agora nas férias eu tive um tempo vago e pude pensar nos meus alunos. Eles queriam falar de suas realidades na língua inglesa, mostrar para o mundo como eles são e não saber apenas como é lá fora. Eu acreditava que eles precisavam saber como é o mundo, mas eles precisam

---

11 Nessa citação há mais uma reflexão da professora em tentar trabalhar os temas transversais.



primeiramente mostrar suas realidades, e para isso a compreensão do seu espaço era fundamental<sup>12</sup>.

Enxerga que o trabalho do professor não acaba nas paredes de uma sala de aula, sendo possível perceber que as inquietações e angústias se pairam em cada contexto de ensino. Por isso, que a profissão de docente é um processo inacabado, onde alguns construtos teóricos podem ora contribuir, ora nada podem acrescentar. Assim, é através das reflexões que se pode perceber o que acontece com as práticas educativas e configurar um novo olhar para novas propostas. Isso pode oferecer um reconhecimento mais explícito sobre os caminhos que percorrem a nossa prática como docente.

É possível olhar retrospectivamente e refletir sobre a reflexão na ação. Após a aula, o professor pode pensar no que aconteceu no que observou, no significado que lhe deu e na eventual adoção de outros sentidos. Refletir é uma ação, uma observação e uma descrição que exige o uso de palavras. (SCHON, 1992)

O ato de refletir sobre a prática é um mecanismo que pode proporcionar mudanças e melhorias no ensino, porque retrabalha um fragmento que já se deu por esquecido, mas é encontrado em muitos momentos presentes em sala de aula que podem ser melhorados quando se tem um critério mais crítico sobre as atitudes do cotidiano.

### **1.3 CRITÉRIOS PERMEIANDO O ENSINO**

Retomando o discurso de Freire (2001) a linguagem exerce um papel importante, uma vez que, nas trocas de informações é que o homem vai se constituindo como seres sociais e históricos cuja historicidade está implícita no discurso de cada um. E, nesse sentido, a linguagem vai se defrontando com questões sociais, políticas e culturais na busca da preparação para atuar como agente de uma sociedade em pleno desenvolvimento. Então, “Língua estrangeira é por outro lado, também um conceito complexo que o professor precisa contemplar, e sobre ele refletir no exercício da profissão.”.

Na minha atuação como professora, às vezes me vejo sem argumento. Não sei o que eu falo quando não os compreendo. Eles querem me mostrar o que eu nunca vivi. Eu quero empurrar um saber que nada

---

12 A citação mostra a reflexão da professora nas férias de julho.

significa. Então, penso que passamos tempos fingindo usar uma linguagem que pouco tem de conteúdo<sup>13</sup>.

O conteúdo do discurso deve agregar troca de experiências relevantes, de interesse mútuo, mesmo que haja necessidade de criar em um ambiente fictício, para uma proposta de valor comunicativo. Geraldo (1981) diz que a linguagem é “uma expressão de pensamento” onde a interação é principal forma de adquirir competência com a língua estrangeira. E, pode ser nesse sentido, que o professor pode sentir dificuldade, quando precisam incorporar, em suas práticas, valores discursivos aproximados das realidades dos alunos. A língua nesse formato é o resultado de um processo complexo de formação, em que agrega uma série de requisitos ideológicos que vão se defrontar, já que “[...] a língua é fruto de um discurso, que traz subjacente um significado próprio das palavras, uma identidade, uma situação, um propósito, uma relação entre interlocutores e uma ideologia subjacente.” (XAVIER, 2010, p.76).

Então, cada professor deve encontrar espaços cooperativos na construção do sistema lingüístico da língua alvo, mesmo que as barreiras sejam os próprios reflexos das maneiras errôneas de ensinar. O que não se pode perder é o senso crítico, a flexibilidade a mudanças, e o reconhecimento de que a linguagem é maneira mais ágil do homem se manifestar, representar-se diante da sociedade, e a reflexão é uma maneira nova de se resignificar.

Vejamos que só foi possível resgatar esses conflitos, porque tínhamos como material a narrativa do professor, que desdobrou considerações importantes para entender o valor da linguagem que também é agregado ao pensamento humano em agir diante das tarefas da escola. Em fim, olhar para essas questões é uma forma de interpretar a função que o ensino de línguas também assume diante das práticas das escolas.

### **1.3 CONCLUSÃO**

---

13 Essa citação é da mesma professora da rede pública de ensino a qual estamos analisando sua trajetória, mas essa narrativa foi realizada no curso de formação de professores, quando a mesma esclarecia que sentia dificuldade em contextualizar o mundo do aluno com o que ela tinha de experiência de vida.

Diante dos relatos trazidos pelo docente, pode-se verificar quanto à prática de ensino é ainda um paradigma dentro do contexto da educação. Foi possível verificar as inquietudes que o professor sofre dentro do seu universo profissional e com isso reconhecer que o ensino de línguas estrangeiras ainda sofre muitos desencontros. A autobiografia foi importante para reconhecer que nem sempre se pode acreditar nos discursos pedagógicos que muitas vezes são abordados como fator de grande importância para o direcionamento da educação. Além disso, pode-se perceber que ainda há um tabu sobre como direcionar o ensino de língua estrangeira dentro da rede de educação básica. As inquietudes da fala do professor mostram o quanto ainda é trabalhoso a atuação dentro da sala de aula e o quanto é necessário repensar sobre o que se está fazendo e acontecendo dentro da prática de ensino de línguas.

## **REFERENCIAS**

- ARROYO, G. Miguel. *Imagens Quebradas. Trajetórias e Tempos de Alunos e Mestres*. Vozes 2008
- BARROS, 1994 BARROS, L. A. *Suporte a ambientes distribuídos para aprendizagem cooperativa*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.
- BAKHTIN (1991) *Problemas da poética de Dostoiévsk*. Rio de Janeiro Forense
- BRASIL, Ministério da Educação. Parâmetros curriculares nacionais – Ensino fundamental– Língua Estrangeira. Brasília: SEF/MEC, 1998.
- COX, M.I.P. ASSIS PETERSON A.A.de. O professor de Inglês (entre a Alienação e a Emancipação) *Linguagem e Ensino* 2001
- CELANI, M. A. *A formação Contínua do professor de Inglês: Um contexto para reconstrução da prática* PUC 1999
- FÁTIMA, A. CAMARGO, C. Relatório de estágios docentes UNIANDRADE/PR: monografia de graduação: ( Curso de Letras)2007
- FILHO, Almeida. *Dimensões Comunicativas de Línguas*. Pontes 1998
- FREIRE, Paulo. *A pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra. 2005
- GARIBALDI, J. W. *Concepções de linguagem e ensino do português*. São Paulo: Ática, 1999.
- FINGER (1984 )
- NÓVOA, António (org.). *Vida de professores*. Porto: Porto, 1995.
- VIGOTSK, S.L. *A Construção do Pensamento e da Linguagem*. Fontes 2001

XAVIER, P. Rosely. *Ensinar e Aprender Língua Estrangeira: Na Contemporaneidade*. Revista

ROTTAVA, Lucia e SANTOS, S. Sulany. *Ensino e Aprendizagem de Línguas Estrangeiras*. Em Wielewicki, Hamilton. *Formação Docente e Ensino de Línguas: Compatibilizando a Agenda Possível e a Pauta Necesária*. 2002

PENNEYCOOK, A. *The Cultural Politics of English as an International Language*. London and New York: Longman, 1994

SHON, D.A. *Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre. 2000